
Ana Clara Santos (Universidade do Algarve)
Cristina Marinho (Faculdade de Letras da Universidade do Porto)
Marta Anacleto (Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra)

La dramaturgie française et les études théâtrales au Portugal

Suite à la crise des Humanités et des Langues et Littératures étrangères dans les Facultés des Lettres, l'enseignement de la dramaturgie française classique – celle qui reproduisait les paradoxes fondateurs et les axes de la pensée du *Grand Siècle* – a été mis en question. Le nouveau public des Facultés des Lettres considérant les langues étrangères comme des outils pragmatiques (langues appliquées), il a fallu *déplacer* la lecture de Corneille, Molière, Racine, entre autres, vers des étudiants qui s'intéressent plutôt à l'étude du texte théâtral et du théâtre. La lecture de ces dramaturges, en traduction portugaise, ne correspond pas ainsi à un geste de soumission/dénégation linguistique mais à une attitude de "médiation". Le paradigme en est un autre. D'autant plus que l'on travaille, en même temps, sur le texte et sur la représentation. L'enseignement de la dramaturgie classique française à l'Université n'a pas perdu son identité philologique; elle a dû être conçue dans le cadre d'un savoir autre qui néanmoins ne peut pas ignorer la poétique (les poétiques) dramatique(s) du *Grand Siècle*. L'espace français devient *l'espace de la représentation* du français.

D'un autre côté, la dimension de la culture dramatique française au Portugal passe aussi par sa diffusion à travers d'autres réseaux culturels et médiatiques. Faute de temps, on s'attachera à rendre compte uniquement de ceux liés à une pratique théâtrale des dernières années dans différentes salles de spectacle du nord au sud du pays. Contrairement à ce qu'on pourrait penser, la circulation des représentations théâtrales d'origine française est bien implantée dans certains circuits sur le plan national ce qui démontre son actualité (même pour la dramaturgie classique, comme on verra) et son acceptation auprès du public portugais.

A dramaturgia francesa e os estudos teatrais em Portugal

Na sequência da crise das Humanidades e das Línguas e Literaturas Modernas nas Faculdades de Letras, o ensino da dramaturgia francesa clássica – a que reproduz os paradoxos fundadores e os eixos do pensamento do *Grand Siècle* – foi posto em questão. Dado que, os novos públicos das Faculdades de Letras consideram as línguas estrangeiras como objectos de consumo pragmático (línguas aplicadas), tornou-se necessário *deslocar* a leitura de Corneille, Molière, Racine, entre outros, para o espaço dos alunos que estudam o teatro e o texto teatral. A leitura dos textos franceses em tradução (português) não corresponde, assim, a um gesto de submissão/denegação linguística mas a uma atitude de "mediação". O paradigma é já outro. Tanto mais que o trabalho é feito sobre o texto e sobre a representação. O ensino da dramaturgia clássica francesa na Universidade não perdeu a sua identidade filológica, antes é concebido no âmbito de um saber outro que, no entanto, não pode ignorar a poética (as poéticas) dramática(s) do *Grand Siècle*. O espaço francês torna-se no *espaço de representação* do francês.

Por outro lado, a dimensão da cultura dramática francesa em Portugal passa também pela sua difusão através de redes culturais e mediáticas. Devido à escassez de tempo, concentrar-nos-emos unicamente naquelas ligadas a uma prática teatral dos últimos anos em diferentes salas de espectáculo de norte a sul do país. Contrariamente ao que se poderia pensar, a circulação das representações teatrais de origem francesa encontra-se bem implantada em certos circuitos a nível nacional o que demonstra a sua actualidade (mesmo para a dramaturgia clássica, como veremos) e a sua aceitação junto do público português.

Ana Isabel Moniz
(Universidade da Madeira)

Dialogues interculturels à l'Université de Madère – un regard sur les études françaises

Nous nous proposons de mener à bien une analyse sur la réalité des études françaises à l'université de Madère, en observant cette réalité à partir des réponses données par les étudiants de la filière en cause à un questionnaire concernant le système universitaire, ouvert au monde et à la différence :

- Quelles sont les disciplines existantes ?
- À quel public se destinent-elles ? Cours ? Degré de satisfaction ?
- Quels sont les contenus enseignés ?
- Existe-t-il une articulation entre l'actualité et les intérêts des étudiants ?

Ainsi, nous essayerons de dégager leurs préférences, leurs doutes et leurs suggestions pour améliorer leur cadre de travail dans le contexte de l'enseignement/apprentissage.

Le questionnaire sera orienté de manière à obtenir aussi bien des réponses ayant trait à l'importance des études françaises de nos jours et aux motivations qui déterminent le choix des étudiants au moment d'opter pour l'apprentissage d'une première ou d'une deuxième langue qu'à recueillir des suggestions visant la divulgation de ce domaine de spécialité.

Par le biais de cette étude, nous nous efforcerons de faire la « radiographie » d'une académie multiculturelle et plurilingue, composantes fondamentales pour le développement des universitaires, dans un monde qui se globalise à grand pas.

Diálogos interculturais na Universidade da Madeira -um olhar sobre os Estudos Franceses

Pretende-se, ao longo desta comunicação, apresentar um estudo sobre a realidade dos Estudos Franceses na Universidade da Madeira, analisando a sua realidade, a fim de a conhecer melhor. Assim sendo, questões como as seguintes motivarão a reflexão sobre um sistema universitário pequeno, mas talvez aberto ao mundo e à diferença:

- Qual a oferta de disciplinas nessa área?
- A que público são dirigidas: área dos alunos/cursos, qual a sua aceitação/grau de satisfação?
- Que conteúdos são leccionados?
- Existirá articulação com a actualidade e com os interesses dos estudantes?

Apoiado por um inquérito dirigido aos estudantes da UMA, este estudo procurará mostrar as preferências, dúvidas e até sugestões dos alunos no âmbito da leccionação/aprendizagem na área dos Estudos Franceses.

Nesse inquérito, incluir-se-á também perguntas sobre o lugar dos estudos Franceses nos nossos dias, os motivos que levam os alunos a escolherem outras línguas que não o Francês, sugestões para actividades no âmbito da francofonia, entre outras, ouvindo a opinião do “outro” sobre o lugar e o estado da Francofonia e apresentando sugestões.

Este estudo mostrará, por certo, uma academia multicultural e plurilingue, elementos fundamentais no desenvolvimento dos estudantes universitários, num mundo cada vez mais globalizado, e poderá realçar a importância da diversidade linguística e cultural francesas na educação universitária.

Ana Paiva Morais (Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa)

La Condition de la Littérature Française face à l'Internet: Explorations dans l'Hypertexte

Le but de cette communication est de développer quelques lignes de réflexion sur les conditions actuelles de la littérature face aux nouvelles situations de divulgation et de transmission électronique des textes littéraires français, en particulier sur les modalités de lecture qui sont déterminées par l'internet envisagée en tant qu'"espace littéraire", notion que je retiens de Maurice Blanchot.

J'examinerai quelques sites de divulgation de textes et d'ouvrages aussi bien que des projets de recherche dans le contexte des études françaises dans l'internet, je les comparerai avec des projets de production poétique antérieurs au développement de l'espace littéraire électronique afin de saisir quelques types d'interférences de la logique de la machine dans le phénomène littéraire qui se sont produits en dehors de l'utilisation de la machine elle-même.

Pour conclure, j'essayerai d'en dégager quelques hypothèses pour la redéfinition des notions d'auteur et de lecteur face aux modèles philosophiques et théoriques traditionnels.

A Condição da Literatura Francesa na Internet: Explorações no Hipertexto

É objectivo desta comunicação desenvolver algumas linhas de reflexão em torno das condições actuais da literatura face às situações emergentes de divulgação e de transmissão electrónica de textos literários franceses, muito em particular no que respeita às modalidades de leitura que são determinadas na Internet considerada enquanto "espaço literário", para utilizar a expressão consagrada por Maurice Blanchot.

Serão examinados alguns sítios web de divulgação de textos e de obras assim como de projectos de investigação, no contexto dos estudos franceses; será feita uma comparação destes espaços com modalidades de circulação e transmissão de textos literários anteriores à eclosão e desenvolvimento do espaço electrónicos como meio generalizado da sua circulação com a finalidade de dar a perceber consequências que trazem para o fenómeno literário a interferência da lógica da máquina.

Em conclusão, procurar-se-á formular algumas hipóteses de redefinição das noções tradicionais de autor e de leitor a que obriga a utilização das novas tecnologias electrónicas.

Ana Paula Coutinho Mendes (Faculdade de Letras da Universidade do Porto)

L'arithmétique de l'émigration, selon Milan Kundera

Émigrant tchèque, naturalisé français depuis 1981, et ayant commencé à écrire directement en français à partir de 1995, Milan Kundera est un des exemples les plus réputés de l'incorporation de voix migrantes au sein de la littérature française actuelle.

Prenant comme point de départ le roman *L'Ignorance* que Kundera a publié en 2003, nous essayerons de mettre en équation les traits de cette « arithmétique de l'émigration » sur laquelle l'auteur a digressé dans *Les Testaments Trahis*, sous la forme d'un exercice d'application dont le résultat équivaut aussi à un essai d'auto-référence différée.

Angèle Bassolé – Ouédraogo (Institut d'études des femmes, Université d'Ottawa)

Le Français Populaire Africain

En Afrique urbaine francophone, à côté du français dit standard, se développe un autre type de français qui, au départ perceptible au sein des classes sociales marginales, s'étend à présent aux élites. Cette langue dite FPA (Français populaire africain) est pratiquée dans les capitales africaines comme Abidjan, Dakar, Cotonou, Lomé ou Ouagadougou. La particularité de cette langue qui a ses propres règles grammaticales et son lexique riche et varié est de révéler l'esprit et le sens de créativité de ses locuteurs. Cette langue FPA participe de ce fait au développement d'une diversité linguistique et culturelle propre à sa communauté de locuteurs qui s'étend d'un bout à l'autre de l'Afrique sub-saharienne francophone. Le français populaire africain est en train de s'imposer de plus en plus comme une deuxième langue que ne dédaignent pas utiliser les élites car à sa marginalisation des débuts, se substitue à présent un phénomène d'adoption qui lui ôte son caractère de langue de ghetto et lui confère un certain statut social que n'ont pas les langues africaines. De plus en plus, ce sont ceux qui ne parlent pas cette langue qui se sentent exclus, à la marge. Le fait de pouvoir communiquer en FPA tend à devenir un symbole d'appartenance social très fort.

Dans cette réflexion, nous nous proposons d'analyser les pratiques du FPA et sa cohabitation avec le français dit officiel. Un partenariat est-il possible entre ces deux langues ? Comment se fait la cohabitation ? Est-elle pacifique ou y a-t-il défiance permanente ? Qu'en pensent les écrivains ? L'appropriation du FPA renouvelle-t-elle la langue française ou l'appauvrit-elle au contraire ?

Popular African French

In the francophone urban Africa, aside from the « standard » French, there is a different type of French language, formerly used among marginal social classes, which is now spreading among the elites. This language referred to as the FPA (Français populaire africain), or Popular African French (PAF), is currently practiced in the African capitals, such as Abidjan, Dakar, Cotonou, Lomé and Ouagadougou.

The particularity of this language, which has its own grammar rules and its rich and diversified lexicon, is to reveal the quick wits and the sense of creativity of its speakers. This language FPA is thus part of a movement for the development of a linguistic and cultural diversity specifically pertaining to its community of speakers, who are spreading out across the Sub-Saharan Africa.

The Français populaire africain is imposing itself more and more as a second language by the elite. If marginalized at its early beginnings, this language has gone through a transformation or a certain phenomenon of "adoption" which led to the shedding of its label of "ghetto language" and granted it a certain social status that other African languages do not have.

More and more, it is those who do not speak this language who feel left out, marginalized. The fact of being able to communicate in FPA tends to become a very strong symbol of social acceptance and belonging.

With this reflection, we propose to analyze the practices of the FPA and its cohabitation with the "official" French language. Is a partnership between these two languages possible? How is the cohabitation achieved? Is it in a peaceful mode or is there permanent defiance? What do the writers think of it? Does the appropriation of the FPA enhance the French language or does it impoverish it?

Anne Aubry (Université de Pablo de Olavide, S ville)

L'écriture de la mémoire dans *L'Amour, la Fantasia* d'Assia Djebbar

L'Amour, la Fantasia se construit comme un diptyque entre les batailles du XIXème siècle livrées entre Français colonisateurs et Algériens colonisés, et la guerre de Libération Nationale. Dès l'incipit de cette œuvre, nous pressentons ce que sera la tension de quatre éléments fondamentaux de l'œuvre : la mémoire , la langue dite «  trang re », le désir, la violence.

Pour faire revivre la conquête coloniale de l'Algérie, qu'Assia Djebbar appelle « la première Guerre d'Algérie », elle cherche à faire revivre une époque, mais surtout à « refermer les b ances de l'Histoire ». Pour faire ce travail de mémoire, elle n'h siste pas à utiliser de nombreux et différents codes esthétiques, comme ceux de la peinture, du cinéma et du théatre. Cependant, le travail d'écriture n'empêche pas la rigueur de l'historienne que fut Assia Djebbar qui lui fait écouter plusieurs témoins et multiplier les points de vue.

Ainsi, Assia Djebbar justifie le choix de cette thématique guerrière car elle veut faire entendre, dans les deux premières parties de son œuvre « la voix des sans-voix », celle de ses ancêtres torturés, brûlés et tués pendant la conquête de l'Algérie, à partir de 1830. Dans la troisième partie, elle se veut libératrice de la parole des femmes algériennes pendant la Guerre de Libération.

Ensuite, les « conséquences » de l'écriture de ces deux guerres sont de plusieurs ordres ; mais ce qui semble évident, c'est qu'au-delà de la reprise d'épisodes guerriers et violents, l'histoire collective, l'Histoire, se confond avec l'histoire individuelle, l'histoire de celle qui dit « je ». Cette écriture complexe, faite de répétitions, de reprises-il y a toujours un fil d'Ariane qui relie les chapîtres belliqueux à ceux de ton et de contenu plus autobiographiques- d'allusions, de jeux de mémoire, permet de situer l'enjeu du roman lui-même.

Enfin, et pour essayer de débusquer, au cœur de la langue, la présence –constante et conflictuelle- de l'Histoire, on pourra conclure que pour sortir de la dichotomie stérile du français langue d'oppression ou langue de libération ; on pourra se rendre compte que l'écriture djebbarienne n'est pas que française, mais qu'elle est aussi arabe (et les nombreuses traductions l'attestent) et surtout c'est une écriture « métisse », ou comme elle l'écrit elle-même , « une écriture de la transhumance ».

La escritura de la memoria en *L'Amour, la Fantasia*, de Assia Djebbar.

L'Amour, la Fantasia está construido como un díptico entre, por una parte, las batallas del siglo XIX que libraron los franceses colonizadores y argelinos colonizados, y, por otra parte, la Guerra de Liberación Nacional. Desde el principio de la obra, se puede intuir la tensión entre los cuatros elementos: la lengua llamada "extranjera", el deseo, la violencia.

Para hacer revivir la conquista, colonial de Argelia que Assia Djebbar llama "la primera guerra de Argelia", intenta resucitar una época, pero se propone, sobre todo, como objetivo cerrar las aperturas de la Historia." Para realizar este trabajo de memoria, no duda en utilizar numerosos y diferentes códigos est ticos, como el de la pintura, el cine y el teatro. Sin embargo, el trabajo de la escritura no impide el rigor de la historiadora Assia Djebbar (no olvidemos que curs  los estudios de Historia y que enseño Historia en la Universidad) que multiplica los puntos de vista y tiene en cuenta a varios testigos a la vez. De esta manera, Assia Djebbar justifica la elección de la temática guerrera porque quiere hacer escuchar "las voces de los que no tienen voz", la voz de sus antepasados, quemados y torturados, durante la conquista de Argelia, a partir de 1830. En la tercera parte, quiere liberar la palabra de las mujeres durante la Guerra de Liberación.

ay que recalcar que las "consecuencias" de la escritura de las dos guerras son de distinta naturaleza, pero lo que parece más evidente es que más allá de la utilización de episodios guerreros y violentos, la Historia colectiva se confunde con la historia individual, la historia de cada persona.

Esta escritura compleja, hecha de repeticiones, de menciones a episodios ya sealados (hay siempre un "hilo de Ariadna" que enlaza los capítulos belicosos a los capítulos de corte más autobiográfico), de alusiones a juegos de la memoria, permiten delimitar el contenido real y simbólico de la novela.

Para terminar e intentar encontrar en lo más profundo de la lengua la presencia constante y conflictiva de la Historia, podemos concluir que para salir de la dicotom  estéril del franc s lengua de opresión o lengua de liberación, cabe señalar que la escritura djebbariana no es sólo francesa, sino también árabe (y las numerosas traducciones así lo atestiguan) y, sobre todo que es una escritura "mestiza", o, como ella misma la define, "una escritura de la trashumancia".

Beryl Schlossman (Carnegie Mellon University, Pittsburgh)

Catherine Colomb, l'écriture au féminin

L'oeuvre de la romancière Catherine Colomb propose plusieurs représentations d'un monde fictif dédoublé, où la mort s'en prend aux vivants à tout moment. Le combat dont il est question dans ce monde est lu parfois selon les termes allégoriques d'une guerre entre le Bien et le Mal qui remonte à la tradition biblique autant qu'à la littérature médiévale; les emprunts du piétisme et les sentiments exprimés au sujet de l'enfance innocente et victime semblent aller dans ce sens. Or la mise en scène de la mémoire et l'évocation d'un monde fictif ancré en elle provoquent une descente toute moderne dans le temps et dans la subjectivité. Dans ma communication, j'amorcerai une lecture des motifs du féminin et de l'écriture chez Catherine Colomb.

Writing the Feminine: Catherine Colomb

Recently published in German translation, the trilogy by the Francophone Swiss novelist Catherine Colomb is anchored in the concept of memory, the evocation of a fictional world, and an exploration of subjectivity in time. The novels focus on the lives of orphans, women and children, and the shades who return from the other world. My talk will explore Colomb's motifs of writing and the feminine in the context of allegory in modernity.

Bibiane Freché (Université Libre de Bruxelles)

La notion de réseau dans les études de littératures francophones

Le Collectif Interuniversitaire d'étude du littéraire (CIEL) est né en 2002 dans le but de réaliser l'histoire de l'activité littéraire en Belgique francophone, notamment via la création d'une base de données sur la littérature belge. Dans le cadre du projet, les termes d'« activité littéraire » font référence à une approche qui repose non seulement sur une description interne des œuvres littéraires mais aussi sur l'analyse des relations que la vie littéraire entretient avec l'ensemble du monde culturel, intellectuel, social et politique. Lors de ma communication, je présenterai la méthodologie qui a guidé le projet, à savoir l'analyse des réseaux littéraires¹, en tentant de montrer en quoi cette méthodologie peut servir à l'étude d'autres littératures francophones.

La notion de réseau peut schématiquement être définie comme l'ensemble complexe des relations qui s'établissent, au sein d'un espace culturel et social donné, entre divers acteurs, groupes ou institutions — relations qui assurent l'unité et la cohérence de cet espace. Elle est particulièrement opératoire dans l'analyse d'un champ littéraire périphérique, par exemple dans le cas de la littérature belge de langue française. En effet, ce type d'ensemble se différencie des grands champs littéraires nationaux (français, allemand, espagnol, ...) à plus d'un titre. Tandis que ces derniers sont des ensembles littéraires anciens, autonomes par rapport au pouvoir, très institutionnalisés et dotés en infrastructures matérielles et symboliques, les périphéries francophones sont des espaces faiblement institutionnalisés, où l'interaction de la société civile et du monde littéraire est plus forte que dans les grands champs littéraires nationaux. A cause de ces modalités plus floues et plus variables de la vie littéraire, les grands schèmes d'organisation de la production littéraire française (division en écoles et genres, par exemple) rendent très mal compte de la manière dont se structure l'activité littéraire de ces périphéries.

Le recours à la notion de réseau comme outil d'analyse permet d'éviter cet écueil. Elle offre une description à la fois souple et globale de l'organisation de la vie littéraire d'une périphérie, grâce à l'analyse des relations internes à la vie littéraire mais aussi aux relations de la vie littéraire à d'autres secteurs d'activités (les autres arts, les sphères intellectuelle ou médiatique, les divisions sociopolitiques, etc.).

La noción de red en los estudios de literaturas francófonas

El *Collectif Interuniversitaire d'étude du littéraire* (CIEL) nació en el año 2002 con el fin de realizar la historia de la actividad literaria en la Bélgica francófona, entre otras cosas a través de la creación de una base de datos sobre la literatura belga. En el marco del proyecto, los términos "actividad literaria" se refieren no sólo a una descripción interna de las obras literarias sino también a un análisis de las relaciones que la vida literaria mantiene con el mundo cultural, intelectual, social y político. Durante mi comunicación, presentaré la metodología seguida por el proyecto, es decir el análisis de las redes literarias². Intentaré demostrar como esta metodología puede aplicarse a los estudios de otras literaturas francófonas.

Se puede definir esquemáticamente la noción de red como el conjunto complejo de las relaciones que se establecen, en un espacio cultural y social dado, entre varios actores, grupos e instituciones — relaciones que garantizan la unidad y la coherencia de ese espacio. La noción es particularmente útil en el análisis de campos literarios periféricos, por ejemplo en el caso de la literatura belga francófona. De hecho este tipo de espacio se distingue de los grandes campos literarios nacionales (francés, alemán, español, ...) por muchas razones. Mientras los grandes campos literarios son espacios literarios antiguos, autónomos del poder, muy institucionalizados y dotados de infraestructuras materiales y simbólicas; las periferias francófonas son espacios poco institucionalizados, donde la interacción entre sociedad civil y mundo literario es mayor que en los grandes campos literarios. Por culpa de esas modalidades más confusas y variables de la vida literaria, los grandes esquemas de organización de la producción literaria francesa (división en escuelas y géneros, por ejemplo) no se aplican bien a la estructura de la actividad literaria de las periferias.

Recurrir a la noción de red como herramienta de análisis permite evitar este problema. La noción de red ofrece una descripción a la vez flexible y global de la organización de la vida literaria de una periferia, gracias al análisis de las relaciones internas a la vida literaria y de las relaciones de la vida literaria con otros sectores de actividad (otras artes, esferas intelectuales o mediáticas, divisiones sociopolíticas, etc.).

¹ Cf. B. DENIS et D. DE MARNEFFE (éds.), *Les Réseaux littéraires*, Bruxelles, Le Cri, collection « CIEL », 2006.

² Cf. B. DENIS et D. DE MARNEFFE (éds.), *Les Réseaux littéraires*, Bruxelles, Le Cri, collection « CIEL », 2006.

Eric Rodrigue Fabrice Loembet (Groupe d'Etudes et de Recherches sur les Arts et la Culture, Brazzaville)

La place d'une langue et d'une culture dans l'espace francophone

Les mutations linguistiques, culturelles et idéologiques ont toujours été des éléments de base au centre d'une pensée collective et communautaire qui exige les conditions pragmatiques et spirituelles nécessaires de promouvoir des identités qui constituent des vraies valeurs pouvant traduire tous les contours qui lient les recherches et les études françaises. Etant donné que, le monde qui est la fonction fondamentale d'une culture d'expression simultanée des peuples, devrait s'affirmer ou s'identifier à la vue des changements s'opérant dans l'univers francophone, en apportant des solutions équitables au respect d'une culture d'expression de valeur. Signalons que, le monde actuel est basé sur la lutte et les confrontations des identités et des idéologies qui provoquent les guerres des consciences et des âmes sans valeurs. Ainsi, la curiosité intellectuelle humaine voudrait que son environnement, son espace ne soit menacé par d'autres formes d'identités et d'idéologies qui viendraient apporter des nouvelles formes de cultures. L'initiative proposée par l'Association Portugaise des Etudes Francophones serait à encourager au regard de ce que l'espace francophone vit au fil des temps. Pour une identité et une culture de valeur certaine dans un espace francophone viable et constructive, la notion de valorisation et de pérennisation au moyen des représentations artistiques, des rencontres culturelles et thématiques servirait de base pour un épanouissement de qualité et de sûreté pour une bonne conception de la langue purement traditionnelle face aux autres langues et cultures. A cela, il faudrait aussi ajouter la pratique permanente de la langue française dans les milieux scolaires et éducatifs surtout de nos jours dans les pays comme le Portugal et bien d'autres pays non francophone. Malgré ces différentes mutations, aucune ne pourrait s'imposer dans l'univers d'expression française du fait de son intégration dans les mœurs et coutumes des pays partageant cette dernière. A cet effet, ma communication et ma contribution durant le Forum APEF 2006 tourneront autour de la place qu'il faudrait accorder à la langue française et à la culture d'expression française dans l'espace francophone.

Fatiha Hacini (Université Mentouri de Constantine, Algérie)

Optimiser la disposition des apprenants vis-à-vis du FLE en Algérie

A tous ceux qui connaissent l'histoire de l'Algérie je ne leur apprendrai rien en disant que le français en tant que langue a encore de beaux jours devant lui dans ce pays et ce, malgré l'arabisation des institutions scolaires et administratives. Son statut de langue étrangère bénéficiant de privilèges dont sont exclues les autres langues enseignées - il est présent dans les établissements scolaires dès la 2^{ème} année primaire, de nombreux quotidiens et hebdomadaires sont en français... Tous ces atouts font qu'incontestablement le français fait partie du paysage linguistique algérien.

Il est sous une forme scolaire, en code-switching ou simplement en emprunts si bien acclimatés phonétiquement que le commun des algériens refuserait à y voir une origine française.

Mais cette bonne disposition à "adopter" le français n'a pas bénéficié ces derniers temps, de l'attention didactique qu'elle mérite si bien qu'il y a risque de déperdition chez les scolarisés.

L'Ecole, en consacrant des méthodes à l'acquisition du français n'a pu se détacher des approches cognitives de l'apprentissage qui postulent d'établir un contact immédiat entre les facultés d'apprentissage de l'apprenant et le système grammatical de la langue étrangère.

Donc, pour qu'un apprentissage se fasse, il suffit de garantir prioritairement le bain linguistique et accessoirement une bonne disposition de l'apprenant vis-à-vis de cette langue.

Mais, sachant que la 1^{ère} condition ne peut qu'être artificielle puisque le contact avec le français n'est ni immédiat, ni direct, il est médiatisé par les explications grammaticales de l'enseignant qui a recours à des échantillons d'actes de paroles proposés par les méthodes communicatives, l'école a continué à "secondariser" la bonne disposition des apprenants au moment où elle aurait dû l'exploiter comme point de départ mobilisateur des jeunes esprits avides de nouveautés, d'altérité. De plus, en focalisant ses efforts sur l'acquisition des matériaux du FLE, ce que S.P.Corder appelle l'input, l'Ecole algérienne a oublié quelque peu, la représentation effective ou l'intake que fait réellement l'apprenant de cet Autre.

Les explications grammaticales, les interventions métalinguistiques de l'enseignant, quel impact produisent-elles? quelles représentations? quelle interprétation?

L'altérité est maximale et peut être saisie comme un élément positif stimulant la curiosité intellectuelle des apprenants. On mettra en exergue tous les éléments culturels, économiques... qui ont fait la société française, suscitant ainsi l'admiration chez les apprenants.

Le programme de français que nous proposons dans le développement de ce travail est celui d'une licence de Français Langue Etrangère. Il se fonde sur une positivisation maximale des faits saillants qui ont fait la grandeur de la France parce que si la représentation de l'Autre prend des allures négatives comme par ex. la colonisation, l'obligation d'apprentissage du français par l'institution scolaire (ce n'est pas un choix individuel) deviendra contraignante et repoussera plus d'un.

The Algerian learners have an aptitude for learning French but it happens the Algerian educational system is not responding to the aspiration of those learners. The Algerian school has neglected these trumps in the sense that it has given priority to the metalinguistic learning without taking into account the representation that the learner could have about the alterity. The alterity can be taken as a positive element, stimulating the intellectual curiosity of the learners.

The programme of French that we are suggesting in the development of this work is based on the maximum positivation of the striking facts that make the greatness of France because the representation of the other steps ahead- as colonization for instance and the obligation of learning French by the institution becomes constraining and keeps away any learner.

José Domingues de Almeida (Universidade do Porto)

Des avantages à lire comme autant d'inconvénients. La francophonie face à ses enjeux

La poursuite du projet francophone est basée sur des assises ambiguës et incertaines qui sont autant d'avantages passés, de malentendus présents et d'enjeux futurs. Ils portent sur les positions symbolique, géopolitique et culturelle de la langue française.

Or, cette langue n'est pas une langue comme les autres, et l'accouchement du projet francophone aura à résoudre cet état des choses spécifique pour mieux (s'il veut) s'ouvrir à l'altérité des francophonies plurielles fondées sur d'autres histoires bien plus que sur des contextes autres, et jouer à fond dans le contexte mondialisé où une autre langue s'impose, voire qui impose une autre langue.

Les espaces de la francophonie, dans toutes leurs dimensions, apparaissent tantôt comme des aires menacées dont on fait sans cesse le nostalgique inventaire, tantôt comme unique contre-poids à la mondialisation anglo-saxonne et, qui plus est, néolibérale. Ils procureraient, dans cette dernière acception, la possibilité d'une île d'exception culturelle ; une notion si chère à la France.

L'auteur part de considérations exprimées dans des essais récents sur la matière, et essaie de mettre en exergue quelques écueils latents du discours francophone.

Lénia Marques (Universidade de Aveiro)

De la poétique de la rupture chez Charles-Albert Cingria

Confronté à l'œuvre de Charles-Albert Cingria (Genève, 1883-1954), le lecteur se sent souvent désarçonné, perdu dans des textes où le chaos semble régner. La fragmentarité et la discontinuité ressenties par le lecteur sont en effet le résultat d'un ensemble de stratégies mises en place par l'auteur. Parmi les plus importantes se trouvent les procédés de rupture qui, travaillant simultanément, cassent le texte et l'interrompent sans permettre une suite dans le discours.

La rupture, consciemment adoptée par l'auteur romand, est un élément essentiel à la compréhension de son univers. Dans ce sens, l'étude des mécanismes de la poétique de la rupture chez Charles-Albert Cingria constitue un moyen non seulement d'envisager son œuvre, mais aussi de donner une clé de lecture à ceux qui veulent s'y aventurer.

A Poética da ruptura em Charles-Albert Cingria

Ao contactar com a obra de Charles-Albert Cingria (Genebra, 1883-1954), o leitor sente-se muitas vezes desorientado, perdido num labirinto de textos onde, aparentemente, reina o caos. A fragmentaridade e a descontinuidade sentidas pelo leitor resultam de um conjunto de estratégias desenvolvidas pelo autor. Entre as mais significativas encontram-se os diversos processos de ruptura que, ao trabalharem simultaneamente, quebram o texto e o interrompem, sem permitirem uma continuidade no discurso.

A ruptura, conscientemente adoptada pelo autor romando, é um elemento essencial para compreender o seu universo. Neste sentido, o estudo dos mecanismos da poética da ruptura em Charles-Albert Cingria constitui uma maneira não só de perspectivar a sua obra, mas também de fornecer uma chave de leitura àqueles que aí tencionam aventurar-se.

Luís Carlos Pimenta Gonçalves (Universidade Aberta)

Francisco Ferreira da Silva Vieira auteur de *Madame Bovary*

Madame Bovary, publiée en six livraisons dans la *Revue de Paris*, les 1er et 15 des mois d'octobre, novembre et décembre 1856, a été traduite pour la première fois au Portugal il y a 125 ans par Francisco Ferreira da Silva Vieira (1831-1888), sorte de mercenaire typographe et aventurier de la traduction.

Responsable de l'imprimerie Gonçalves Lopes et directeur du journal *O Povo*, il se consacre à la traduction d'auteurs français : *La vie de Jésus* de Renan, *Les Misérables*, *L'Homme qui rit* de Hugo, *Splendeurs et misères des courtisanes* de Balzac, *Nana* et *Contes à Ninon* de Zola, mais aussi Paul Féval, Ponson du Terrail, Alexandre Dumas. Après la première traduction des *Misérables* qu'il signe en 1862, il publie son *Salammbô* en 1863, roman qu'il traduit dès sa sortie en France. Que la première traduction portugaise de l'écrivain de Croisset soit ce roman et non *Madame Bovary* a pu introduire une distorsion dans le regard que les lecteurs portugais non avertis ont pu avoir de l'ensemble de l'œuvre.

Nous nous intéresserons lors de cette communication aux réussites et aux difficultés qu'a pu rencontrer le premier traducteur d'une oeuvre littéraire aussi complexe. Nous verrons également comment cette traduction indique des solutions, signale des interprétations possibles du texte flaubertien aux futurs traducteurs du roman.

Francisco Ferreira da Silva Vieira autor de *Madame Bovary*

Madame Bovary de Flaubert publicada inicialmente em folhetim na *Revue de Paris*, entre 1 de Outubro e 15 de Dezembro de 1856, foi traduzida pela primeira vez em Portugal há precisamente 125 anos por Francisco Ferreira da Silva Vieira (1831-1888), espécie de mercenário tipógrafo e aventureiro da tradução.

Responsável da tipografia Gonçalves Lopes e director do jornal *O Povo*, consagra-se à tradução de autores franceses como Renan, Victor Hugo, Zola e também Paul Féval, Ponson du Terrail e Alexandre Dumas. Depois da primeira tradução dos *Miseráveis*, em 1862, publica também a primeira versão de *Salambô* de Flaubert em 1863, romance que traduz logo depois da sua estreia em França. Que a primeira tradução portuguesa do autor normando tenha sido este último romance e não *Madame Bovary* introduziu uma distorção no olhar que leitores portugueses menos atentos tiveram da obra de Flaubert.

Debruçar-nos-emos sobre os sucessos e as dificuldades que o primeiro tradutor de uma obra tão complexa inevitavelmente encontrou. Veremos igualmente como esta tradução indica soluções, assinala interpretações possíveis do texto flaubertiano que serão posteriormente recuperadas pelos tradutores seguintes.

Mar Garcia (Universitat Autònoma de Barcelona)

***Cherchez le naturel... il repart au galop !
Exotisme et authenticité dans le cinéma africain***

Notre intervention s'encadre dans une recherche plus vaste sur les formes contemporaines du *postexotisme* (Volodine) qui explore, dans une perspective *polysystémique* (Even-Zohar, 1972, 1999), l'*authenticité* en tant qu'*utopie* contemporaine et que *construction* esthétique, matérielle (édition, production, réalisation, diffusion, consommation) et symbolique. Si les études postcoloniales ont le mérite de mettre l'accent sur l'hybridation et sur la subversion du canon occidental qui sont à la base des productions culturelles africaines, elles mettent entre parenthèses la question de leurs destinataires ainsi que celle des moyens matériels qui les rendent possibles. Bien que timidement, certains auteurs portent un regard nouveau sur l'exotisme (Affergan, 1988; J.-M. Moura, 1992, 1998, 2000) qui s'écarte de la radicalisation du clivage entre le colonial et le postcolonial pour explorer les zones d'ombre et d'ambiguïté au détriment de celles de clarté. Ils montrent que l'exotisme ne saurait se réduire à sa signification la plus dévalorisée (« exotisme de pacotille ») ou à sa signification référentielle (« oiseaux exotiques »). Certains, comme B. Cooper (1998), vont jusqu'à voir dans un genre comme le réalisme magique, issu des revendications culturelles indigénistes, une actualisation, bien qu'exigeante et intellectualisée, de l'exotisme de toujours. Selon Moura, que nous suivons ici, l'exotisme est une opération mentale primordiale pour penser l'Altérité ainsi qu'une catégorie artistique féconde dont l'art colonial n'est qu'une expression parmi d'autres. Certes, il ne reste plus grand chose aujourd'hui du voyage comme expérience radicale de la Différence décrit par écrivains, aventuriers et anthropologues. Mais si les tour-opérateurs ne peuvent plus vendre que l'illusion de cette confrontation avec l'inconnu, l'art, lui, continue à nous parler plus que jamais du désir impossible (après Conrad, Segalen ou Lévi-Strauss) d'authentique et d'ailleurs tout en dénonçant les effets ravageurs de la mondialisation. Il reste beaucoup à faire dans le domaine du *postexotisme* occidental et mélancolique tout comme dans celui de l'« exotisme à rebours », qu'il ait pour objet l'Occident ou qu'il permette à l'auteur de projeter un regard étranger sur son propre espace. Or c'est ce dernier que nous explorons ici. Si le marché littéraire africain serait très différent sans lecteurs occidentaux, le cinéma le serait encore plus en raison du coût élevé et de la complexité de sa réalisation. Pour montrer le bien-fondé de cette prémisses, nous comparons dans un premier temps deux modèles d'*authenticité* cinématographique que nous nommons *endogène* et *exogène* respectivement: celui des studios de Bollywood, cinéma commercial adressé principalement aux Indiens et à la diaspora indienne, et celui représentatif d'un secteur non négligeable du cinéma africain francophone, financé et consommé majoritairement par des étrangers. Puis, nous analysons les dispositifs permettant de créer de l'authentique (traitement de la tradition et recours à la figure du médiateur notamment) dans un corpus représentatif de films de l'Ouest africain — de S. Falle à M. Sora Wade et D. Kouyaté — pour déterminer enfin dans quelle mesure le contexte de production intervient-il dans la construction d'un authentique *schizophrène*.

Buscad lo natural... ¿se escapa al galope!
Exotismo y autenticidad en el cine africano

Nuestra intervención se enmarca en un estudio más amplio de las formas contemporáneas del *postexotismo* (Volodine) que, explora, desde una perspectiva *polisistémica* (Even-Zohar, 1972, 1999), la *autenticidad* como utopía contemporánea y como *construcción* estética, material (edición, producción, realización, difusión, consumo) y simbólica. Si los estudios postcoloniales tienen el mérito de insistir en la hibridación y subversión del canon occidental que sustentan las producciones culturales africanas, dejan de lado la cuestión de sus destinatarios así como la de los medios materiales que las posibilitan. Aunque tímidamente, algunos autores examinan el exotismo con una mirada nueva (Affergan, 1988; J.-M. Moura, 1992, 1998, 2000) que se aleja de la radicalización de la oposición entre lo colonial y lo postcolonial para explorar los espacios oscuros y ambiguos en detrimento de los diáfanos. Estos autores muestran que el exotismo no puede reducirse a su sentido más peyorativo (exotismo «de pacotilla») o al meramente referencial («aves exóticas»). Algunos, como B. Cooper (1998), van hasta ver en un género como el realismo mágico, procedente de las reivindicaciones culturales indigenistas, una actualización, aunque exigente e intelectualizada, del exotismo de siempre. Según Moura, a quien seguimos aquí, el exotismo es una operación mental primordial para concebir la Otredad, además de una fecunda categoría artística de la que el arte colonial sólo es una expresión entre otras. Es cierto que poco queda hoy del viaje como experiencia radical de la Diferencia descrito por escritores, aventureros o antropólogos. Pero si los tour-operadores sólo pueden vender ya la ilusión de esa confrontación con lo desconocido, el arte sí que nos habla, y más que nunca, del deseo imposible (después de Conrad, Segalen o Lévi-Strauss) de autenticidad y de un «lugar-otro», a la vez que denuncia los efectos destructores de la globalización. Mucho queda por hacer en el ámbito del *postexotismo* occidental y melancólico como en el del «exotismo a contrapelo» que tenga por objeto a Occidente o que permita al autor proyectar una mirada extranjera sobre su propio espacio. Si el mercado literario africano sería muy diferente sin lectores occidentales, aún lo sería más el cine, a causa de su coste elevado y de su compleja realización. Para mostrar la pertinencia de esta premisa, comparamos, en un primer momento, dos modelos de *autenticidad* cinematográfica que llamamos *endógeno* y *exógeno* respectivamente: el de los estudios de Bollywood –cine comercial destinado principalmente a los indios y a la diáspora india- y el que representa a un segmento importante del cine africano francófono, financiado y consumido en gran medida por extranjeros. Analizamos seguidamente los dispositivos que permiten crear lo auténtico (tratamiento de la tradición, recurso a la figura del mediador principalmente) en un corpus representativo de películas del Oeste africano - de S. Falle a M. Sora Wade et D. Kouyaté- para determinar, en la última parte de nuestro trabajo, en qué medida interviene el contexto de producción en la construcción de un *auténtico esquizofrénico*.

Margarita Alfaro Amieiro (Université Autonome de Madrid)

Création littéraire et expérience de l'exil : le sens plurivoque de la migration chez Adrien Pasquali

Dans le domaine d'expression en langue française la Suisse contemporaine offre une importante variation de manifestations littéraires en rapport direct avec l'expérience de l'exil et le déracinement aussi bien d'ordre politique, idéologique, économique que culturel. Dans le cadre de cette thématique les exemples d'auteurs inspirés par leurs expériences personnelles sont nombreux dans les dernières décennies: Agota Kristof, Adrien Pasquali, Mireille Kuttel ou Jean-Euphèle Milcé parmi d'autres. Tous ces écrivains, à partir d'une prise de conscience plurielle marquée par l'acceptation d'un nouveau *territoire*, sont obligés à reconstruire leurs vies en dehors de leurs racines culturelles. Ils se construisent une nouvelle identité à partir d'un projet d'identité scriptural défini par le choix linguistique (la langue du pays d'adoption) et une reconsidération générique et thématique insérée à l'intérieur d'un canon littéraire, celui de la littérature romande, ouvert aux nouvelles circonstances du monde actuel.

De manière particulière, nous proposons d'orienter notre communication à l'étude de l'œuvre d'Adrien Pasquali (1958-1999), d'origine italienne. Son œuvre est très riche, il a publié des romans et des récits, les plus significatifs sont : *Éloge du migrant* (1984), *Les Portes d'Italie* (1986), *Portrait de l'artiste en jeune tisserin : I. L'histoire dérobée* (1988), *II. Passons à l'ouvrage* (1989), *Un amour irrésolu* (1988), *Le veilleur de Paris* (1990), *Une vie de livre* (1993), *La Matta* (1994) et *Le pain de silence* (1999). De même il a écrit des essais critiques consacrés à Ramuz, Gustave Roud et Nicolas Bouvier. Il a également traduit des romans et des œuvres de l'italien de Mario Lavagetto, Aurelio Buletti, Alice Caresa, Roberto Bazlen et Giovanni Orelli. Les dernières années de sa vie a vécu entre l'Italie, Paris et la Suisse, à l'Université de Genève il a enseigné la littérature romande.

Plus concrètement, nous aborderons la question de la migration à partir de deux œuvres qui nous serviront de référence : *L'éloge du migrant*(1984) et *Le pain de silence* (1999) où se dessine le début et la fin d'une réflexion marquée par la circularité entre le départ et le retour du voyage du migrant dans un au-delà qui *défait*. Si l'exil représente la séparation, le travail et la solitude, l'illusion du retour se transforme en échec. La quête identitaire s'érige alors en une tentative douloureuse où l'introspection, l'errance intérieure et la décomposition de l'expérience temporelle entre la mémoire et l'oubli impossible s'avèrent les jalons du chemin de la composition scripturale. Le temps de l'enfance à une valeur fondatrice chez Pasquali, *Le pain de silence* développe la thématique de l'amertume de la vie des migrants ainsi que de l'enfant condamné au silence de ses parents marqués par la souffrance quotidienne. Finalement, les mots et la découverte de l'écriture annoncent la tragique fragmentation du sujet qui intériorise la condition de migrant comme une damnation.

Creación literaria y experiencia del exilio: el sentido plurívoco de la migración en Adrien Pasquali

En el ámbito de expresión en lengua francesa la Suiza contemporánea ofrece una importante variación de manifestaciones literarias en relación directa con la experiencia del exilio y el desarraigo tanto de orden político, ideológico, económico como cultural. En el marco de esta temática los ejemplos de autores inspirados por sus experiencias personales son numerosos en las últimas décadas: Agota Kristof, Adrien Pasquali, Mireille Kuttel o Jean-Euphèle Milcé entre otros. Todos estos escritores, a partir de una toma de conciencia plural marcada por la aceptación de un nuevo *territorio*, están obligados a reconstruir sus vidas al margen de sus raíces culturales. A partir de este momento, todos ellos se construyen una nueva identidad a partir de un proyecto de identidad escritural definido por la elección lingüística (la lengua del país de adopción) y una reconsideración genérica y temática inserta en el interior de un canon literario, en concreto el de la literatura suiza de expresión en lengua francesa, abierto a las nuevas circunstancias del mundo actual.

De modo particular, proponemos orientar nuestra comunicación al estudio de la obra de Adrien Pasquali (1958-1999), de origen italiano. Su obra es muy rica, ha publicado novelas y relatos, los más significativos son: *Éloge du migrant* (1984), *Les Portes d'Italie* (1986), *Portrait de l'artiste en jeune tisserin : I. L'histoire dérobée* (1988), *II. Passons à l'ouvrage* (1989), *Un amour irrésolu* (1988), *Le veilleur de Paris* (1990), *Une vie de livre* (1993), *La Matta* (1994) y *Le pain de silence* (1999). Asimismo escribe ensayos críticos dedicados a Ramuz, Gustave Roud y Nicolas Bouvier. Igualmente ha traducido novelas y obras en italiano de Mario Lavagetto, Aurelio Buletti, Alice Caresa, Roberto Bazlen y Giovanni Orelli. Los últimos años de su vida ha vivido entre Italia, París y Suiza, en la Universidad de Ginebra enseñó durante años la literatura suiza de expresión en lengua francesa.

De modo concreto nos proponemos abordar más directamente la cuestión de la inmigración, dos obras son de referencia: *L'éloge du migrant* (1984) y *Le pain de silence* (1999) donde se dibuja el principio y el final de una reflexión marcada por la circularidad entre la partida y el regreso del viaje del inmigrante hacia un mas allá que posee un efecto de desintegración. Si el exilio representa la separación, el trabajo y la soledad, la ilusión del regreso se transforma en fracaso. La búsqueda identitaria se erige entonces en una tentativa dolorosa en la que la introspección, la errancia interior y la descomposición de la experiencia temporal entre la memoria y el olvido imposible se imponen como los hitos del camino de la composición escritural. El tiempo de la infancia tiene un valor fundador en Pasquali, *Le pain de silence* desarrolla la temática de la amargura de la vida de los inmigrantes así como del niño condenado al silencio de sus padres marcados por el sufrimiento cotidiano. Finalmente, las palabras y el descubrimiento de la escritura anuncian la trágica fragmentación del sujeto que interioriza su condición de inmigrante como una damnación.

Maria de Fátima Outeirinho (Universidade do Porto)

Poétique du genre et représentation de l'autre dans les récits de femmes voyageuses

Genre très développé au XIXe siècle, la littérature de voyage, publiée à cette époque-là, est particulièrement cultivée par le littérateur. Pourtant, l'avènement au récit de voyage de la femme-auteur ou de la femme qui voyage sera progressivement expressif au fur et à mesure qu'une mobilité croissante de la femme s'affirme, surtout à partir de 1850.

Partant de l'analyse d'un *corpus* de récits de femmes-voyageuses de langue française, il s'agit, dans notre communication, de réfléchir soit sur les approches ou les écarts face à une poétique du genre majoritairement définie par un écrivain homme, envisageant une éventuelle spécificité féminine, soit sur les représentations de l'autre que ces récits de voyage construisent.

Maria do Rosário Girão Ribeiro dos Santos (Universidade do Minho)

Du soi-disant Christian Brulls au soi-disant M. Prou



3

Por vezes, certas imagens eloquentes dispensam as palavras que, pela sua recorrência, se volvem em clichés, ao serviço de definições ambíguas e aproximações definitórias tornadas lugares-comuns.

Se, nascida de circunstâncias históricas subjacentes à aventura colonial, a francofonia redundava na internacionalização (não somente, e de modo redutor, pela prática da língua, passiva e activa, mas, e de sobremaneira, pela vivência da ideologia e assimilação da cultura); se ao francófono é lançado o repto de manter em equilíbrio, algo funambulesco, a(s) variação(ões) e o modelo, pugnano pela conciliação entre a identidade do eu e a representação do outro, ao 'agente' da francofonia incumbe a missão de dinamizar o interesse crescente pelo "français dans tous ses états". Destes, seleccionámos a Bélgica e um dos seus mais dignos representantes, mundialmente consagrado tanto pelos francófonos como pelos não francófonos (graças às traduções em quase todas as línguas que o seu sucesso editorial espoletou).

Lançada em 1927 por Arthème Fayard, *L'Aventure*, jornal hebdomadário ilustrado privilegiando um público juvenil, cedo acolheu Christian Brulls, nascido em Liège (e falecido em 1989), que nele publicou (sob um outro nome) não só reportagens um tanto ou quanto romanceadas sobre nomes sonantes de França ("Roland Garros et ses féroces admirateurs"), designadas por "contes vrais", mas também novelas de mistério, na senda do romance-folhetim,

³ Images de Lewis Trondheim, retirées de Bernard Cerquiglini, Jean-Claude Corbeil, Jean-Marie Klinkenberg et Benoît Peeters, "Tu parles!?" – *Le français dans tous ses états*, Paris, Flammarion, 2000.

e relatos de viagens de aventuras (“Le torpilleur décapité” e “À l’instar des pirates”), cuja acção decorre em 1917 e em 1915, respectivamente.

Largos anos após esta ‘boa aventura’ – “celle des gens qui, sans tambours ni trompettes, se décident à faire de grandes choses, un beau jour, parce qu’ils en ont assez de voir leurs contemporains en faire de petites.” -, o seu ex-colaborador, deixando para trás o ilustre nome do desconhecido Christian Brulls, cria um romance radiofónico inédito – na peugada do romance popular - difundido em doze episódios pela “Radiodiffusion nationale”, de 27 de Novembro de 1943 a 12 de Fevereiro de 1944, e intitolado *Le soi-disant M. Prou*.

Neste romance-folhetim da rádio, a que um elenco de luxo deu voz, perpassam os temas favoritos do fabricante de histórias e ‘agente’ da francofonia que foi G*, entre os quais a criação de uma certa atmosfera, mediante a notação do detalhe pitoresco e a adequação entre tema e personagem.

Todas as noites se joga bilhar no “Café de la Couronne”, frequentado por uma clientela que é sempre a mesma e que habita desde sempre numa pequena cidade portuária normanda, em que cada qual conhece o outro: até ao dia em que “un homme énorme [...] s’est planté sur le paillason bordé de rouge.” Chegou *le soi-disant M. Prou*...

Du soi-disant Christian Brulls au soi-disant M. Prou

Alcune volte, certe immagini eloquenti dispensano da parole che, per la loro ricorrenza, divengono clichè al servizio di definizioni ambigue e approssimazioni definitorie trasformate in luoghi comuni.

Se nata da circostanze storiche soggiacenti all’avventura coloniale, la francofonia ridonda nell’internazionalizzazione (non solamente, e in maniera riduttiva, per la pratica della lingua passiva e attiva, ma, e oltremodo, per il vissuto dell’ideologia e dell’assimilazione della cultura); se al francofono è lanciata la sfida di mantenere in equilibrio, funambolico, la/le variazione/i e il modello, combattendo per la conciliazione tra l’identità dell’io e la rappresentazione dell’altro, sull’ “agente” della francofonia incombe la missione di dinamizzare l’interesse crescente per il “français dans tous ses états”. Di questi stati, selezioniamo il Belgio e uno dei suoi più degni rappresentanti, mondialmente consacrato tanto dai francofoni quanto dai non francofoni (grazie alle traduzioni in quasi tutte le lingue che il suo successo editoriale innescò).

Lanciata nel 1927 da Arthème Fayard, *L’Aventure*, giornale ebdomadario illustrato che privilegia un pubblico giovane, accolse presto Christian Brulls, nato a Liegi (e morto nel 1989) che su questa pubblicò (sotto altro nome) non solo reportage in qualche modo romanzati sopra altisonanti nomi della Francia (“*Roland Garros et ses féroces admirateurs*”), designati come “contes vrais”, ma anche novelle di mistero, sulla linea del “feuilleton”, e racconti di viaggio e d’avventura (“Le torpilleur décapité” e “À l’instar des pirates”) nei quali l’azione si svolge rispettivamente nel 1917 e nel 1915.

Molti anni dopo questa “buona avventura” – “celle des gens qui, sans tambours ni trompettes, se décident à faire de grand choses, un beau jour, parc qu’ils en ont assez de voir leurs contemporains en faire de petites.”-, l’ex collaboratore de *L’Aventure*, abbandonando l’illustre nome dello sconosciuto Christian Brulls, creava un romanzo radiofonico inedito – sullo stile del romanzo popolare - diffuso in dodici episodi dalla “Radiodiffusion nazionale”, dal 27 novembre 1943 al 12 febbraio 1944, e intitolato *Le soi-disant M. Prou*.

Questo romanzo-“feuilleton”radiofonico, al quale diedero voce nomi di prestigio, passa attraverso i temi favoriti dell’artigiano di storie e dell’ “agente” della francofonia che fu G*, tra i quali la creazione di una certa atmosfera, mediante l’annotazione del dettaglio pitoresco e l’adeguamento tra tema e personaggio.

Tutte le notti si gioca a biliardo nel “Cafè de la Couronne” frequentato da una clientela che è sempre la stessa e che abita da sempre una piccola cittadina portuale della Normandia, nella quale tutti si conoscono, fino al giorno in cui “un homme énorme (...) s’est planté sur le paillason bordé de rouge.” Arrivò *le soi-disant M Prou*...

Maria Hermínia Amado Laurel (Universidade de Aveiro)

Etudes françaises et Etudes francophones: questionnements historiques et constitution du champ dans le panorama de l'enseignement et de la recherche universitaire au Portugal

Nous nous proposerions, dans cette communication, d'amener quelques éléments de réflexion concernant le questionnement auquel est soumise de nos jours la notion d' « études françaises » dans le panorama universitaire portugais. Notion qui allait de soi jusqu'à un passé assez récent, cette notion s'est vue ébranlée par une dérive, celle des « études francophones », dont la variation est mesurable au niveau de la popularité dont ces études semblent se parer actuellement.

Il conviendrait alors de porter un regard sur l'histoire des disciplines qui intègrent les « études françaises » dans le contexte portugais, afin de mieux évaluer les changements, sinon les mutations, que les nouvelles venues amènent dans le domaine traditionnel des études françaises, quitte à se constituer en un champ d'études nouveau et à lancer de nouveaux défis aux enseignants et aux chercheurs.

Estudos franceses e Estudos francófonos: questionamentos históricos e constituição do campo no panorama do ensino e da investigação universitária em Portugal

Propor-nos-íamos, nesta comunicação, trazer alguns elementos de reflexão para o debate actualmente em curso em torno da questão dos “estudos franceses”. Noção pacificamente consentânea até um passado recente, ela conhece actualmente uma derivação, a dos “estudos francófonos”, cujo ângulo é mesurável em função da popularidade de que estes estudos parecem revestir-se actualmente.

Seria talvez oportuno lançar um olhar sobre a história das disciplinas que integram os “estudos franceses” no contexto português, no intuito de melhor podermos avaliar as mudanças, quando não as mutações, que as recém chegadas introduzem no campo tradicional dos estudos franceses, susceptíveis de constituir um campo de estudos novo, lançando novos desafios a docentes e a investigadores.

Maria Luiza Berwanger da Silva (Universidade Federal do Rio Grande Do Sul, Brasil)

La Poétique de la traversée dans l'œuvre de Ramuz

"Il n'y a pas d'art sans transposition", dit Ramuz dans *Raison d'être*, soulignant la productivité de l'Autre pour sa création littéraire, ample et mondialisée. Dans ce sens, cet auteur établit un jeu singulier entre le local et l'universel et qui consiste dans le dialogue infatigable effectué avec l'extraterritorial. Si d'une part, ce jeu représente exemplairement la Littérature Romande, d'autre part, il assure la présence avouée et inavouée de Ramuz dans les littératures d'autres continents.

Tout en marquant ce profil pluriel chez Ramuz, cette communication se destina à ponctuer ces espaces de confluences et, en même temps, de passage et de traversée, du national au transnational, espaces partagés et de resymbolisation dont la fertilité met en évidence la vitalité de la Francophonie pour toute production littéraire, esthétique et culturelle.

Rennie Yotova (Université de Sofia « St. Kliment Ohridski », Bulgarie)

Le français – une langue ennemie ? L’entre-deux-langues dans l’expérience de l’écriture d’Agota Kristof

Exilée à 21 ans en Suisse, en 1956, au moment où les chars russes envahissent la Hongrie, Agota Kristof n’a pas choisi le français, elle a été choisie par cette langue. Son récit autobiographique *L’Analphabète* (les Éditions Zoé, 2004) témoigne de cette longue lutte acharnée avec la langue d’adoption qui est en train de tuer sa langue maternelle. *Écrire en français, j’y suis obligée. C’est un défi. Le défi d’une analphabète.* – avoue l’auteur qui n’arrête pas de créer des personnages qui écrivent. Dans chaque roman (de la trilogie des jumeaux, mais aussi dans *Hier*) il y a un manuscrit – sous forme de cahier ou de feuilles de papier. L’acte d’écrire permet de trouver une compagnie et un allègement, mais il ne va pas de soi : à qui écrire ? que dire et dans quelle langue ? Sandor-Tobias, le héros à double identité de *Hier*, est confronté à ces questions, tout particulièrement au problème de la perte de maîtrise de sa langue maternelle et au manque d’assurance dans la langue du pays de son exil. Ce malaise linguistique, qui conditionne l’acte d’écriture, est symptomatique de la difficulté à communiquer des personnages d’Agota Kristof.

La présente communication s’articule autour d’une réflexion sur le rapport entre le déracinement et l’écriture, sur l’imaginaire des langues et l’expérience de l’exil.

Rosa Bizarro (Universidade do Porto & Universidade Fernando Pessoa)

Présence de l'Autre dans des manuels de Français Langue Étrangère

Les politiques éducatives européennes ont été sensibles, tout particulièrement à partir de la fin du XXème siècle, au besoin d'encourager au développement d'une compétence plurilingue et d'une compétence pluriculturelle, dans le cadre de l'enseignement-apprentissage des langues étrangères par les citoyens d'aujourd'hui.

En promouvant le respect par la Différence et la compréhension du fait que la mosaïque pluriculturelle de la société dans laquelle nous vivons valorise le profil des processus éducatifs et la formation des individus, ces politiques font appel à des pratiques interculturelles, de connaissance et de compréhension réciproques, que les manuels d'enseignement de Français Langue Étrangère ne peuvent/ doivent pas ignorer.

Quelle est la place occupée par l'Autre dans des manuels de FLE publiés récemment au Portugal? – voici la question à laquelle nous essaierons de répondre.

Presença do Outro em manuais de Francês Língua Estrangeira

As políticas educativas europeias foram sensíveis, particularmente a partir de finais do século XX, à necessidade de se incentivar o desenvolvimento de uma competência plurilingue e de uma competência pluricultural, no âmbito do ensino-aprendizagem das línguas estrangeiras pelos cidadãos de hoje.

Promovendo o respeito pela Diferença e a compreensão de que o mosaico pluricultural da sociedade em que vivemos só enriquece o perfil dos processos educativos e a formação dos indivíduos, essas políticas fazem apelo a práticas interculturais, de conhecimento e compreensão recíprocos, a que os manuais de ensino de Francês Língua Estrangeira não podem/ devem ser alheios.

Qual o lugar ocupado pelo Outro em manuais de FLE publicados em Portugal nos últimos anos? – eis a pergunta a que tentaremos dar resposta.

Simon Gaunt (*Society for French Studies*, King's College, Londres)

Les espaces francophones au moyen âge et les enjeux pour l'histoire littéraire

Au cours des dix-neuvième et vingtième siècles les médiévistes ont participé avec enthousiasme à la formation d'une discipline consacrée à la définition et à l'analyse d'une littérature nationale. Ainsi dans beaucoup d'histoires littéraires classiques la tragédie de la *Chanson de Roland* devient un précurseur de la tragédie Racinienne, l'ironie d'un Chrétien de Troyes un précurseur de celle d'un Stendhal. L'emploi du français comme langue littéraire en dehors de la France se présenterait alors comme un exemple précoce de l'hégémonie culturelle du français: une culture courtoise et raffinée, dont le centre aurait été Paris, aurait eu une influence décisive sur le développement de la littérature européenne. Mais l'histoire littéraire traditionnelle voile l'envergure de la francophonie médiévale et méprend sa nature. Car il y avait deux francophonies au moyen âge: une francophonie septentrionale, qui était avant tout un phénomène culturel partagé entre la France et l'Angleterre, et puis une francophonie méridionale, qui était avant tout un phénomène commercial, et qui jouait un rôle primordial dans la naissance de l'expansion coloniale aux marges de l'Europe jusqu'à la fin du moyen âge. Or, le centre de cette 'autre' francophonie aurait été non pas Paris, mais le nord de l'Italie, avec sa position-clef sur les routes commerciales vers le moyen Orient, l'Orient, et l'Afrique du nord.

Dans cette conférence je voudrais considérer les enjeux théoriques et historiques des francophonies médiévales pour notre discipline, en France et ailleurs. Je prendrai comme exemple principal *Le Divisament du monde* de Marco Polo, un texte composé en français, mais qui n'est jamais considéré en France comme partie intégrante de la tradition 'française', et que les Italiens eux aussi hésitent à assimiler à leur tradition nationale (du moins dans sa première version française). L'altérité troublante de ce texte voué à la description de l'altérité trouble en effet les contours de deux traditions nationales, tout en perturbant l'étanchéité des frontières de la culture européenne d'une manière qu'aujourd'hui serait peut-être qualifiée de 'post-coloniale'.

Vincent Bouchard (Université de Montréal)

Le cinéma oral en Francophonie : comparaison entre des espaces culturels francophones en Afrique et en Amérique

Lorsqu'on envisage le cinéma francophone sous l'angle géopolitique, il apparaît généralement comme la principale victime de la mondialisation. L'accélération actuelle des échanges semble le condamner à une assimilation par les cultures hégémoniques. L'exemple de l'Afrique est très significatif. D'un côté, la quasi-totalité des films distribués en Afrique sont produits dans des espaces culturels hégémoniques (Hollywood et Bollywood). De l'autre, si l'on exclut le nord et le sud du continent, la faible production des cinéastes africains est, en fait, une production étrangère, tant sur le plan financier et esthétique que sur le plan des spectateurs : ces films totalisent considérablement plus d'entrées en Occident qu'en Afrique.

Cependant, si l'on regarde plus en détail la question de la réception des films, on s'aperçoit que la situation est plus complexe. En effet, depuis quelques siècles, la plupart des espaces culturels minoritaires francophones résistent à différentes formes d'assimilation. Les communautés, habituées à côtoyer l'*Autre hégémonique* (Glissant, 1999), inventent un ensemble de *tactiques* (de Certeau, 1990) de réappropriations d'une oeuvre culturelle étrangère, mais également un *appareil* (Déotte, 2004). Cela concerne en tout premier lieu les films projetés, en particulier lors de séances populaires. Par exemple, lorsqu'un ou des spectateurs se lèvent pour improviser un commentaire à partir de leur connaissance de l'histoire ou des personnages, la projection cinématographique devient l'occasion de créer une communauté autour du film. L'histoire ainsi construite s'inspire des images et des sons, mais dépend uniquement de la négociation entre les spectateurs lors de la projection. L'important pour cette communauté est de s'entendre sur une compréhension du film plutôt que d'en chercher le sens originel. L'image audiovisuelle devient alors le lieu d'expression d'un imaginaire collectif.

L'interaction entre les spectateurs et avec l'oeuvre permet une forme de réappropriation. Ce type de dispositif favorise la création d'une multiplicité du sens. Des travaux récents (Lacasse, 2002 ; Pozner, 2004) montrent comment, en parlant sur les images, le bonimenteur fait le lien entre le contexte de production du film et le contexte culturel de projection. Toutes ces pratiques qui existent, sous différentes formes, dans le monde entier, prennent des aspects très spécifiques et comparables au Québec, en Afrique de l'Ouest et en Afrique centrale, d'une part en raison des cultures traditionnelles et, d'autre part, en fonction du contexte sociopolitique. Ainsi, la projection commentée constitue une sorte de détournement de l'énonciation au profit de la communauté locale.

Dans le cadre de cette communication, je propose de comparer quelques modes de réappropriation des productions cinématographiques étrangères par les spectateurs au Québec et en Afrique francophone. La réaction des spectateurs face à un dispositif de projection inadapté est le lieu de nouvelles formes de créations tant langagières que scénographiques.

L'étude comparée des différentes postures de spectatures cinématographiques orales est une recherche sur l'impact de cultures hégémoniques (États-Unis, Inde, France, Belgique, principalement) sur des cultures francophones. Elle permettra, en particulier, d'envisager de nouveaux modes de réappropriation d'une oeuvre cinématographique par les spectateurs. Plus généralement, cette approche permet d'explorer une autre dimension des enjeux culturels de la francophonie, c'est-à-dire la création au niveau du dispositif de réception des oeuvres qui, ainsi, autorise un discours différent sur la francophonie.

Ouvrages cités :

- Michel de Certeau, *L'invention au quotidien, 1. L'art de faire*, Ed. Gallimard, Paris, 1980, 1990
- Jean-Louis Déotte, *L'époque des appareils*, Ed. Lignes & Manifestes, Paris, 2004
- Édouard Glissant, *Poétique de la Relation*, édition Gallimard, Paris, 1999
- Germain Lacasse, *Du cinéma oral à la radio visuelle. Pratiques intermédiaires au Québec 1900-1950*, in Réal La Rochelle (dir.), *Écouter le cinéma*, 2002
- Valérie Pozner, *Le bonimenteur rouge. Retour sur la question de l'oralité à propos du cas soviétique*, in *Cinémas*, vol. 14, n°2-3, printemps 2004, Montréal

Yasuko Shoda-Fujizane (Université de Tohoku, Sendai)

Invitation à la « vie imm diata » : *Chronique japonaise* de Nicolas Bouvier

Chronique japonaise de Nicolas Bouvier, écrivain et photographe genevois, invite le lecteur à “la vie imm diata”, par l’entremise de la description privilégiant les cinq sens. Les particularités des villes visitées sont saisies par l’odeur de l’air, les visages et le refrain du peuple. Ennemi de la théorie ésotérique, l’écrivain essaie ainsi de transporter le lecteur dans l’ailleurs, à travers des sensations évoquées et partagées. La faculté des comparaisons et des métaphores  veille assez l’imagination du lecteur pour le renvoyer à l’essentiel des spécificités japonaises: le N , le Zen, le sumo ainsi que les typhons, les séismes, l’algue m ch e...

Le portrait de Tokyo au milieu des années cinquante est particulièrement vivant, à cause de la présence de gens aux petits métiers aujourd’hui presque disparus, parmi lesquels, le montreur d’images.

Il y a aussi les moments critiques de la rencontre échouée. Le narrateur prend alors de la distance et choisit un ton humoristique ou l’autodérision pour raconter l’histoire de ce “trouble-fête”.

Le but de cette communication est donc de visiter ou revisiter le Japon focalisé par Nicolas Bouvier. Cet art de la focalisation rappelle d’ailleurs une fenêtre ronde typique du temple bouddhique, que l’on perce au mur et qui a pour but d’intensifier la concentration chez le contemplateur du jardin.

Convite para a vida imediata: *Chronique japonaise* de Nicolas Bouvier

A *Chronique japonaise* de Nicolas Bouvier, escritor e fotogr fo de Genebra, convida o leitor para "a vida imediata", através da descri o que privilegia os cinco sentidos. As características das cidades visitadas são apreendidas pelo odor do ar, pelos rostos, pelo refrão do povo. Inimigo da teoria esotérica, o escritor tenta assim levar o leitor a outro lugar, recorrendo aos sentimentos evocados e compartilhados. O poder das compara es e das m t foras desperta suficientemente a imagina o do leitor para o fazer pensar no essencial das especificidades japonesas N , Zen, Sumo, bem como tuf es, sismos ou alga mascada.

O retrato de Tóquio nos meados dos anos cinquenta está particularmente cheio de vida, graças à presença de pessoas do pequeno comércio, agora desaparecido, entre as quais se contava o «mostrador de imagens».

Há também momentos críticos de encontro falhado. O narrador então distancia-se e opta por um tom humorístico ou pela auto-irris o para contar a história deste "trouble-f te".

O objectivo desta comunica o é assim visitar ou revisitar o Japão focalizado por Nicolas Bouvier. Aliás, esta arte de focalizar recorda-nos uma t pica janela redonda do templo Budista que se abre na parede, com a finalidade de intensificar a concentra o daquele que contempla o jardim.

Contacts / Contactos:

Ana Clara Santos - avsantos@ualg.pt

Ana Isabel Moniz - anamoniz@uma.pt

Ana Paiva Morais - anapm@netcabo.pt

Ana Paula Coutinho Mendes - amendes@letras.up.pt

Angèle Bassolé – Ouédraogo - abassole@yahoo.com

Anne Aubry - normandaluz@yahoo.fr

Beryl Schlossman - berylfs@cs.com

Bibiane Freché - bfreche@ulb.ac.be

Cristina Marinho - marinho@letras.up.pt

Eric Rodrigue Fabrice Loembet - eric_loemb@yahoo.fr

Fatiha Hacini - fatiha_hacini11@yahoo.fr

José Domingues de Almeida - jalmeida@letras.up.pt

Lénia Marques – lmarques@dlc.ua.pt

Luís Carlos Pimenta Gonçalves - luispg@univ-ab.pt

Mar Garcia - MariaMar.Garcia@ub.es

Margarita Alfaró Amieiro - margarita.alfaro@uam.es

Maria de Fátima Outeirinho - outeirinho@letras.up.pt

Maria do Rosário Girão Ribeiro dos Santos - rosario@ilch.uminho.pt

Maria Hermínia Amado Laurel - hlaurel@dlc.ua.pt

Maria Luiza Berwanger da Silva - mlsilva@portoweb.com.br

Marta Anacleto - mariamarta@netcabo.pt

Rennie Yotova - reni_yotova@hotmail.com

Rosa Bizarro - rbizarro@letras.up.pt

Simon Gaunt - simon.gaunt@kcl.ac.uk

Vincent Bouchard - v.bouchard@UMontreal.ca

Yasuko Shoda-Fujizane - yasuko.shoda@cocoa.plala.or.jp

URL: <http://www.apec.org.pt>